

# Respostas à crise devem ser articuladas a nível local

Carla Esteves  
Avelino Lima

O actual cenário de crise mundial assume proporções mais dramáticas em Portugal, porque o país não tem capacidade de resposta para resistir melhor às dificuldades. A ideia foi ontem defendida pelo catedrático Elísio Estanque, no âmbito do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, subordinado ao tema "Sociedades Desiguais e Paradigmas em Confronto", que decorre na Universidade do Minho (UM) até amanhã.

O professor de Sociologia do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, lembrou ontem, à margem da sessão "Estratificação de classes e desigualdades sociais", que todas as medidas para combater a crise avançadas até ao momento, têm tido como alvo a classe trabalhadora.

Contudo, «quem tem a obrigação de reverter este cenário



Elísio Estanque falou à margem da sessão "Estratificação de classes e desigualdades sociais"

de crise são as elites empresariais, e como tal, as respostas e os incentivos têm de ser articulados entre as diversas classes sociais, sobretudo ao nível local».

«Têm sido avançadas medidas importantes, sobretudo no que respeita aos incentivos ao

emprego e à minimização de custos sociais, mas faltam políticas direccionadas para as elites empresariais, a classe que tem por obrigação reverter a crise», referiu o catedrático, acrescentando que «as respostas devem ser articuladas, sobretudo ao nível local».

De acordo com Elísio Estanque o Governo deve agir sobretudo através de agentes económicos ao nível local, articulando incentivos e medidas, que permitam minimizar os custos sociais e os dramas do desemprego e da pobreza.

O professor de Sociologia do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, defendeu também que «há em Portugal problemas estruturais que contribuem para acentuar a crise e as desigualdades sociais».

## País mais desigual da Europa

«Vivemos no país mais desigual da Europa, em que as profissões de topo auferem níveis salariais semelhantes aos países mais avançados, ao passo que a classe com menos qualificações obtém salários abaixo de um quarto das médias praticadas nos outros países da Europa», referiu.

De acordo com Elísio Marques estes problemas estruturais já existiam antes do cenário da crise e contribuíram para o intensificar, e têm origem na ausência de um projecto estratégico de desenvolvimento, adequado à condição social e económica do país.

«Há cerca de 20 anos atrás, faltou-nos uma visão estratégica que apostasse realmente na qualificação das pessoas, num sistema de ensino sólido, que contribuisse para políticas activas de emprego e para um desenvolvimento económica e socialmente sustentável», referiu o académico.

Elísio Estanque defendeu também que a juntar aos problemas estruturais e de estratificação de classes na sociedade portuguesa, que ainda mais contribuem para as desigualdades sociais, temos «um défice de liderança e de transparência crónico em Portugal, que se estende ao funcionamento de instituições públicas e privadas».

«Faltam-nos medidas direccionadas para criar, incentivar e melhorar as nossas políticas empresariais locais», concluiu o académico, acrescentando que «cabe ao Governo articular incentivos e medidas».